

DO MATO
João Francisco das Chagas Neto
ao Panema

DO MATO
ao Panema

ORELHAS DO LIVRO FÍSICO

Foi com imensa satisfação que recebi do amigo e colega João Francisco Chagas Neto, o João do Mato, o convite para falar do seu primeiro livro, “Do Mato ao Panema”. Descrever o João do Mato é uma tarefa simples, assim como espontâneo é a sua singeleza. Menino santanense criado e vivido às margens do rio Ipanema, tomando banho e pescando piaba de litro, conhece como ninguém os fatos e as histórias que edificaram a literatura de sua querida cidade, Santana do Ipanema. João do Mato em seu livro, “Do Mato ao Panema”, é poeta, escritor e Engenheiro Agrônomo, que buscou nestes três fundamentos a habilidade para tecer a sua teia literária. A sem-vergonhice e o senso poético, herdara de seus tios, Miguel e José Chagas. . Foi no aconchego do Bar “Bafo da Onça”, que delineou os seus escritos, envolvendo temas que geram suspenses e emoções entre os leitores. João Francisco das Chagas Neto, se destaca entre os escritores santanenses, pela sua imaginação fantasiosa e sonhadora, e pelas características de suas expressividades artísticas. Tendo residido por vários anos no Estado do Mato Grosso, aprendeu com os nativos imitar o canto da ema no cio para o acasalamento, e rastejar felinos em seus estudos de procriação. Na sua profissão de Engenheiro Agrônomo se especializou em fitotecnia da cana-de-açúcar, extensivo ao plantio, colheita e gerenciamento da produção. Portanto, ler as obras de João do Mato, é sentir a emoção de conviver com seus personagens, as peripécias de suas construções textuais literárias.

Aracaju (SE), agosto/2015.



Remi Bastos Silva

João Francisco das Chagas Neto

DO MATO ao Panema

1ª Edição

SWA Instituto Educacional LTDA
Santana do Ipanema - Alagoas
2015

Copyright 2015 - João Francisco das Chagas Neto

Gerente Editorial

José Malta Fontes Neto

Revisão Ortográfica

Professor Sandro Rogério Melros de Oliveira Rios

Diagramação

José Malta Fontes Neto

Fotos capa

Diego Lohan

Capa

Cheops Araújo Malta

É proibida a reprodução total ou parcial do texto deste livro por quaisquer meios (mecânicos, eletrônico, xerográficos, fotográficos etc.) a não ser em citações breves com indicação da fonte bibliográfica.

Este livro está de acordo com as mudanças propostas pelo novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigor desde janeiro/2009.

SWA Instituto Educacional LTDA

Rua José Porfírio Palmeira, 246 - Camoxinga

Santana do Ipanema - Alagoas - CEP 57500-000

<http://www.swainstituto.com.br>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C424d

Chagas Neto, João Francisco das, 1942 -

Do mato ao panema /João Francisco das Chagas Neto. 1. ed - Santana do Ipanema, AL: SWA Instituto, 2015.

114p. ; il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia e índice

ISBN 9788565024167

1. Poesia Brasileira. I. Título

15-28028

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

12/11/2015 12/11/2015

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

As molecagens nos
deram a inspiração
de ir do mato ao panema

SUMÁRIO

PREFÁCIO,	09
DO MATO AO PANEMA,	13
HI NO DE SANTANADO IPANEMA,	15
SABIÁ,	17
RUANOVA,	19
COISA BONITA É O MAR,	21
POÇO DO JUÁ,	23
PONTE DA SEMENTEIRA,	26
RIACHO DO BODE,	29
RUA SÃO PEDRO,	31
BARRAGEM,	33
BOCAS DA BARRAGEM,	35
CARTA AO POETA,	37
DÁDIVAS,	39
AS DIVINDADES DA TURMA DE 1973,	41
DÚVIDAS,	42
FATOS EM DITONGO CRESCENTE,	44
FEIRA DE SANTANA,	47
FESTA À SOMBRA DO UMBUZEIRO,	53
HOJE ESTOU TRISTE,	61
JOÃO TNA – O ROMEIRO,	63
JOSÉ IALDO LARANJEIRA,	65
MAR DO MEU LUGAR,	67
MARINHEIRO ROBERVAL NOIA,	69
MÁRIO BELEZA,	71
MENINO DA ALDEIA,	73
ODOMADOR DE CARNEIRO,	75
MENINO TRAVESSO,	77
MORENA,	78
MUSADA E AN,	81
NA CABEÇA DESSSES MALOQUEIROS,	83
ODESGASTE NATURAL ME CONSOME,	85

O PROCESSO, 87
OS OLHOS SÃO AS JANELAS DA ALMA, 89
PERIPÉCIAS DA VIDA, 91
PITIMBU, 93
PRESENTE DE NATAL, 95
PRINCESA DO DESERTO, 97
RECOMEÇO, 98
TERAPEUTA NAVEGANTE, 99
UMA HISTÓRIA DE TRANCOSO, 101
TODO RESTO VALE APENA, 103
VAMOS À LUTA, 104
VAMOS MENINADA, 106
VICTOR HUGO (Limeriano), 108
VOCÊ, 110
REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS, 113

PREFÁCIO

Eis que tomado de lisonja e encantamento, vi-me na incumbência de prefaciар o primeiro livro do meu amigo João do Mato. Peço, então, ao caro leitor pra chegar um pouquinho mais pra cá, pois vamos falar literalmente ao pé do ouvido. Dizer que o autor é um cabra arretado! Um doutor agrônomo macho que só a peste, que escreve bom demais, bom danado! Está parecendo puxa-saquismo, não é? Então, vamos ao que interessa.

O caro leitor tem em mãos a primeira obra literária impressa, do escritor santanense João do Mato. Um livro que é pura poesia. Pelo título **DO MATO AO PANEMA** já dá pra sentir o que vamos encontrar aqui dentro. João vai nos levar a andar pela areia fofa do **POÇO DO JUÁ**, molhar os pés nas águas da **BARRAGEM**. Nas águas salobras a se ver “refletido no seu espelho”. Se encantar com a paisagem deslumbrante., ao ponto de crer que **OS OLHOS SÃO AS JANELAS DA ALMA**. Encher os pulmões de ar puro, se emocionar. Inclusive, escrever uma **CARTA AO POETA**. João do Mato, **MENINO TRAVESSO**, vai nos levar pela **RUA NOVA** e a **RUA DE SÃO PEDRO**. Nestas visitas, chamar os amigos **JOSÉ IALDO LARANJEIRAS**, **ROBERVAL NOIA** para ir ao **RIACHO DO BODE**. Com ternura contemplar a “baraúna desgalhada”, marejar os olhos ao relembrar dos amigos **MARIO BELEZA**, **ZENETO**, **O MENINO DA ALDEIA**, que foram brincar

“lá em cima”.

Venham, caros leitores! Quem vos convida é o menino João. Um menino grande que jamais ficará velho. Ele os quer levar pela Rua de Zé Quirino, Rua do Sebo, Rua da Cadeia. João quer que você volte a ser criança, brincar de ferro de finca, pião e chimbra e jogar bola nas areias do Panema. Nadar no Poço dos Homens, nas águas corredeiras da Ponte Quebrada e Ponte dos Canos. Ir na Praça da Matriz e rever os sermões do Padre Cirilo, ouvir “Major” tocar o sino. Com ele, vamos até a Praça do Monumento, contemplar a igreja de Senhora Assunção. Não se cansar de admirar a região das Microondas, no Alto da Serra, junto com o filho de Seu plácido, Remi, seu amigo “transgênico” que tão belamente cantou esta terra. Vamos com o menino João passear pela ponte do Padre e cantar mais alto o refrão: “Santana dos Meus Amores”.

Venham, amigos! João do Mato está lhe oferecendo um ano inteiro, em Santana do Ipanema. Uma Santana que ficou guardadinha no seu e em nossos corações, por toda nossa vida. Com João, vamos nos deliciar com as **FEIRA DE SANTANA** e as **FESTAS À SOMBRA DO UMBUZEIRO**, festas de Santana do ano inteiro. Eis aqui, em suas mãos, caros leitores e leitoras, um ano inteirinho de festas em Santana, começando com o carnaval, acompanhando os blocos “Pau D’arco, Bloco Bacurau e outras troças, passando pela festa da juventude e Festa da Padroeira Senhora Sant’Ana, no mês de julho, indo até o

pastoril, e o **PRESENTE DE NATAL**. João, a mensagem que fica deste seu primeiro trabalho eu entendi: Levar-nos a

Um dia, lá estava o filho de dona Dirce Chagas, na porta da igreja matriz de Senhora Sant'Ana. Era noite de festa, noite de novena da nossa padroeira, mês de julho, de um ano lá para trás. Cumprimentamo-nos e ele já foi perguntando por dona Dineusa, minha mãe. Perguntou também por Fernando Soares, "O Cão do 2º Livro". O mundo deu voltas, e veio a fundação da Academia Santanense de Letras, as Caminhadas Homero Malta/Luciano Silva, inventadas por Remi Bastos. Desde então, nossa amizade só aumentou, mais e mais se consolidou. Amigo João do Mato, esse foi o primeiro. Fiquemos, caro leitor, na mais absoluta certeza, que este aqui é só o começo, pois esse menino tem muito chão para andar. Boa Leitura!

Fabio Campos é escritor, membro da Academia Santanense de Letras, Ciências e Artes, ocupa a cadeira nº16, cujo patrono é o professor Mileno Ferreira da Silva. Blogueirofabiosoarescampos.blogspot.com
Colaborador do Portal Maltanet.com.br; Alagoasnanet.com.br; Minutsertao.com.br

DO MATO AO PANEMA

Do Mato ao Panema é uma coletânea dos poemas e poesias publicadas no Portal Maltanet ao longo desses anos, desde 2004.

Esse livro está sendo lançado no mercado editorial, graças à iniciativa do precursor da mídia eletrônica em Santana do Ipanema-AL, José Malta Fontes Neto. O Comendador Malta, como ficou conhecido o criador do site, título este que lhe foi outorgado pelo trovador e santanense adotado, Ulisses Braga, é um incansável incentivador da cultura, letras e artes do nosso torrão natal.

Foi por intermédio desse veículo de comunicação que santanenses que residem na cidade e da diáspora de diversos recantos do país, conseguiram se reaproximar e conviver virtualmente, quase que diariamente na Pracinha do Monumento. E desse convívio, através de mensagens, muito antes do Facebook e do WhatsApp, foi surgindo algo que estava adormecido nessa comunidade, a arte de escrever. E surgiram os livros “À Sombra do Umbuzeiro”, “À Sombra do Juazeiro” e “À Sombra da Quixabeira”, além da edição de livros de outros escritores como Luiz Antonio Farias (Capiá), Pe. José França Neto, José Avelar Alécio, José Peixoto Noya, José de Melo Carvalho, Fábio Soares Campos, Bartolomeu Barros e Éverton Lacerda, este último, o mais jovem escritor santanense e outros que ainda não publicaram porque estão aguardando uma melhor oportunidade, mas

possuem material literário suficiente para tal, como: Remi Bastos, José Malta Fontes Neto, João Tertuliano Nepomuceno Agra.

O título da obra *Do Mato ao Panema* tem tudo a ver com o Portal Maltanet. Como no decorrer dessas três edições das obras “ÀS SOMBRAS”, residia e trabalhava na Usina Santa Olinda em Sidrolândia no Mato Grosso do Sul e no convívio, quase diário, na Pracinha do Monumento, recebi de Remi Bastos o apelido de João do Mato, uma referência ao estado no qual trabalhava. Daí surgiu a sugestão: Como estava lá, no Mato Grosso do Sul e, publicando em Santana do Ipanema-AL, no Portal Maltanet, toda aquela conversa, por que não, DO MATO AO PANEMA? E assim decidimos pelo título.

Espero que gostem dessa viagem no túnel do tempo pelas ruas, bairros e localidades de Santana do Ipanema e de outros lugares por onde passei.

João do Mato

HINO DE SANTANA DO IPANEMA

(Autor: Remi Bastos Silva)

Santana do Ipanema
Torrão querido pedacinho do meu Brasil
És a Rainha do Sertão Alagoano
Desta Pátria mãe gentil
Tua história enaltece nossa gente
Com bravura e amor-febril
Padre Francisco Correia e
Martinho Vieira Rego
Pioneiros nesta terra varonil

} Bis

Tua bandeira simboliza nossas cores
As tuas praças, este rio, nossos amores
O teu progresso eternamente a florescer
Sou sertanejo, Santanense até morrer!

} Bis

Minha terra tem palmeiras
Nossos campos têm mais flores
Onde canta o sabiá
Nosso céu tem mais estrelas
Onde nuvens passageiras
Dão espaço ao luar
O teu passado de glória
Está vivo em nossa memória
Teus filhos hão de aprender
É mais forte o meu desejo de dizer
Sou sertanejo, Santanense até morrer!

} Bis



SABIÁ

Se eu fosse um passarinho.
Seria um sabiá,
Que canta o dia inteiro
Sem ter medo de errar

Quando o dia começa
Lá está ele a cantar,
Na mangueira do meu quintal
Tentando me despertar.

Que privilégio tenho
De poder acordar
Ouvindo o canto mavioso
Do meu amigo sabiá.

E no café da manhã, almoço,
E quase, até o jantar,
Também ouço a sinfonia
Daquele que não quer calar.

Sabiá o que lhe faz cantar,
Quase sem parar?
Que mensagem quer transmitir
Que não consigo captar?

Enquanto não desvendo
A magia do seu canto,
Espero que nunca pare
De todos os dias me despertar.



RUA NOVA

Sou morador do meio do mundo,
Vivo feito vagabundo
Pulando de estado em estado.
Porém, fui um grande felizardo
Quando no meu torrão amado,
Numa coincidência feliz
Na Rua Nova eu nasci.

Rua das marcenarias, sapatarias,
Santeiro e festeiros.
Da legião de bodega.
Das cocadas quentinhas de D.Ritinha.
Do culto evangelista dos Batistas
Das brincadeiras de pega
Da propaganda na vista dos comunistas
Do jogo de ximbra
Dos gritos das mães pelos fujões
Da poeira braba
Ainda me lembro no mês de novembro
Do jogo de pião.
Buzugus zunindo e o bom dormindo.
Do jogo de botão
Muito maneiro á luz do candeeiro.
Do São João

Como suas roqueiras e fogueiras
Das fincas e trincas
De aspas pontiagudas após as chuvas

E da luta no ouro-e-busca,
Dos meninos em disparadas para não serem
aprisionados
Do beco de Filisdoro o grande auditório
Da alegria do dia a dia.
Tive uma infância feliz
Na rua que eu nasci.

COISA BONITA É O MAR

O mar acalma
O mar descansa
O mar embala
O mar suspira
O mar inspira
O mar acalenta
O mar fala
O mar uiva
O mar assovia
O mar é profundo,
O mar é guardião.
O mar é segredo
O mar é ancião.
O mar é do mundo.



POÇO DO JUÁ

Nas suas águas,
Tomei banho até enjoar!
Em todos os seus recantos,
E como que por encanto,
Descobria no dia a dia,
A beleza que você escondia.

O banho no estreitinho,
Naquele cantinho.
Chupava manga, comia goiaba,
E farinha com torreiro,
Pescava piaba.
Depois descia nos carneiros.

No largo havia mansidão,
Que eu gostava também.
Desfrutava um vidão,
Remando as canoas,
Atravessando pessoas.
Naquele vai e vem.

É preciso que conte,
Antes da construção da ponte,
Quando o Panema enchia,
Pra fazer a travessia,

E o Cachimbo Eterno acessar,
Pegava-se canoa no Poço do Juá.

Quando as águas clareavam,
Quem também comemorava,
Eram as lavadeiras.
Descendo as ladeiras,
Pra suas trouxas roupas lavar,
No Poço do Juá.

Quando o rio apartava,
Ali ficava um poção,
Que a sede saciava
Dos animais da região.
De vez em quando, ainda dava
Um mergulho naquele verdão.

E no sábado, dia da feira,
Cada tempo a sua maneira,
Era um verdadeiro estacionamento,
De carros de boi, carroças e jumentos.
Depois da mercadoria no armazém entregar,
Ficavam aguardando onde iam carregar.

E eram os bancos de areias,
Que escondiam em suas veias,
A preciosa água salina,

Que borbotava ao abrirem cacimbas.
E supria a necessidade,
De grande parte da cidade.

Ponto de encontro do dia a dia,
Dos botadores d'água,
Onde afogavam mágoas,
E também extravasavam alegria.
Enquanto aguardavam a vez de descer
Para suas ancoretas encher.

Hoje, ao vê-lo nessa situação,
Dói fundo no coração.,
Diante da insensatez,
De diversas gerações,
Que não sei, talvez,
Por ganância ou ignorância,
Ou alguma implicância,
Desmataram as margens,
Do rio que o alimentava
Atrás de alguma vantagem
De aumentar a produção.
Deixando-a expostas à erosão.
Com isso lhe assorearam
E também o transformaram
Num imenso lixo.

PONTE DA SEMENTEIRA

Está firme e inteira
Para quem quiser constatar.
Prestou muito serviço,
Apesar de oferecer risco,
Para quem ia atravessar.

É uma ponte diferente
Das que costumamos observar,
De acordo com a enchente,
Fica submersa até a cheia passar.

Foi construída pelo Ministério da Agricultura,
Na gestão de Dr. Otávio Cabral,
Para facilitar acesso ao campo experimental,
De animais e algumas culturas,
Que precisava ser inspecionado o ano inteiro,
No local conhecido, hoje, como Sementeira.

Quando o Panema enchia,
Muitos não queriam dar a volta,
Por questão de economia,
Então, enfrentavam as águas revoltas
Nessa arriscada travessia.

Meninos afoitos serviam de guias,
Sempre dispostos, por alguns trocados,
A conduzir aventureiros na travessia,
Com muita dificuldade para não serem arrastado.

Recordo-me como agora,
Dos meus tempos de guri,
Dos inúmeros banhos que tomei ali.
Das caneladas nas pedras pela correnteza afora,
Dos mergulhos atravessando bueiro,
Das fisgadas nos beiços dos lambaris,
Da alegria e da algazarra o tempo inteiro.

Ponte da Sementeira,
Lugar de menino arteiro,
Fez parte da minha infância,
Era um dos lugares prediletos
Dos meninos irrequieten,
Daquela circunvizinhança
No meu tempo de criança.



RIACHO DO BODE

Tomei muito banho em suas águas,
Vivia num conto de fadas.
Quantas árvores submersas em seu lago?
Mas, preocupação passava ao largo,
Na pescaria de tucunaré.
Não sei se ainda existe um pé
De uma braúna desgalhada,
Bem pertinho de uma estrada.
Quando o açude estava cheio,
No remanso, ela ficava no meio.
Era o lugar mais disputado,
Por aquela meninada.
Um feixe de varas se estendia
Para capturar o peixe
Que ali se escondia.



RUA SÃO PEDRO

Sentei com Zé Alma na Balaustrada,
Ficamos observando a movimentação
Dos transeuntes na estrada.
E para o Fomento vinha Dr. Brandão,
Com Seu Agenor, Valter e Rildo,
E pela esquina de Dona Carminha,
Mãe de Ivaldo e Ivanildo
Apareceu correndo Seu Costinha.

Lá vem Seu Elói, pai de Iraci.
A avó de Neca, D. Maria Parteira,
Osmam, Miguel, e João Neto de Seu Corací.
Washington, Aperecida e Zé Limeira.
Seu Camilo e Seu Ursulino, pai de Nenoí,
Chiquinho Camilo, Mané Chico e Chico Ventura.
Falando com o volume a toda altura.

E vem apontando lá em cima,
Nessa manhã bonita,
Seu Gaia, Dona Marina,
Adeílido, Eunice e Erenita.
Ciço Doido, Barata, Nêgo Isnaldo e Luís.
Vindos da Igreja Matriz.

Vem também Seu Zelhias e Arnon,
João de Chiquinho que toca piston,
Bento e Seu Francelino,
O marinheiro, Albino.

E até que enfim,
Vem a turma de Seu Pimpim,
Genísio, Jaime e Zé Torreiro,
Num conversa animada com Pedro Porqueiro.
Genaro, Marcos, Genísio,
Gedalva, Gilda e Gilton.
Esse último vinha aos gritos.

Não me lembro de Domício,
Fiquei imaginando desde o início,
Diga-me nome do Pai do menino,
Que eu posso até tirar um fino.
O grande abraço,
Transgênico Fiu de Seu Praçaço

BARRAGEM

Era assim que a chamávamos.
E como amávamos!!!
Aquela porção d'água.
Não havia mágoa,
Era só alegria,
As nossas pescarias,
Naquelas sete bocas,
Era coisa de louco,
O pulo da ponte
Daquelas alturas,
No poço escuro.
Parecia uma fonte
Para um novo desafio,
Da barragem atravessar
E na areia ir brincar.
E passar horas a fio
Sem ver o tempo passar.
E ao cair da tarde.
Sem muito alarde,
O sol brilhando,
Refletindo no seu espelho,
E nós com os olhos vermelhos,
Pra casa íamos retornando.



© 1980

BOCAS DA BARRAGEM

Sete bocas,
Sete maravilhas,
Sete alegrias que nos deixavam loucos
Sete armadilhas,
Sete lodos,
Sete quedas nos cimentados dos ladrilhos
Sete cores,
Sete temperaturas,
Sete profundidades dos saltos nos fervedores.
Sete ambientes,
Sete iscas,
Sete piabas que puxavam diferentes.
Sete vermelhões,
Sete olhares
Sete pisas para servir de lição



CARTA AO POETA

Meu poeta amigo, meu poeta irmão,
Como você já dizia,
Somos transgênicos há muito tempo
Pelo efeito do BHC
Sonoridade em seu nome já havia
Quando na pia batismal
De presente recebeu
Duas notas musicais.

Você cresceu e transformou-se
Num grande artífice da fuleiragem
Amante da natureza e da alegria.
Cursasse Agronomia.
Mas agora vamos empreender uma viagem,
Às suas canções.

O Pau d'arco que você plantou
Floresceu.
E a população todos os anos
Abre portas e janelas
Para admirar a sua florada.

A Cana de Açúcar que você cultivou
E em aguardente transformou.
Não sei se foi um bom negócio
Mas brotou uma animada canção

No rio Sena crustáceo você pescou
Para atender aos caprichos
De uma noiva desvairada e travesti
Que hoje não está mais entre nós,
E chamava Pitu de Piti

E como grande mestre
Criasse um grande jardim
De sonhos, Amores, Ilusões e Flores
Embrulhasse com grande alegria e musicalidade
Presenteasse ao povo.
Hoje é o hino da nossa cidade.

E para encerrar esta carta
Meu poeta amigo, irmão,
Vou lhe revelar uma verdade
Com muito emoção;
"O mundo seria sem brilho se faltasse o Rei **Sol**,
Não seria nada **Fácil**,
Era escuridão que dava **Dó**.
Porém **Lá**,
Seria muito triste **Si**
Faltasse **Ré, Mi.**"

Um grande abraço,

DÁDIVAS

Se vidas fossem dadas
Para viver todas as dádivas
Por elas proporcionadas,
Precisaria de milhões de anos
E mais, quem sabe,
De alguns punhados de anos a mais
Para agradecer todos esses bônus

Bônus de poder andar, correr, suar
De enxergar, dormir, sonhar.
De tocar, ouvir, sorrir, cheirar,
De degustar, se sensibilizar, amar
De sentir o sol, o vento e a brisa do mar.



AS DIVINDADES DA TURMA DE 1973

Na corrida contra o tempo,
Reunimo-nos em Areia.
Em noite de lua cheia
Para celebrar a vida
Saboreando com bebida
Doces lembranças surgidas
Nessa jornada da lida.

Foram três dias perfeitos
Na mais perfeita harmonia
Com os amigos do peito
Desfrutando a alegria
Do momento do reencontro.
Choramos pelos colegas mortos
Que se encontram no firmamento.

Incorporaram-se às divindades
Que protegem os agricultores
Formam hoje uma irmandade.
Encarregada de aliviar dores
No céu, na terra e nos mares
Desses incansáveis batalhadores.

DÚVIDAS

Talvez, não sei. Foi o melhor?
Mas, no momento, foi o que havia
Talvez outro lugar fosse bom,
Mas, não sei se esse existia
Talvez aqui seja o local,
Para refletir e botar as ideias em dia
Talvez não seja o paraíso
Mas não é paraíso que eu queria!
Talvez haja bons lugares para correr
Isso quem sabe até complementaria
Talvez seja um lugar calmo,
Isso com certeza ajudaria.
Talvez uma boa comida,
Isso sem dúvida contaria
Talvez haja pessoas com bom papo,
Quando tudo parecer uma azia.
Talvez ler bons livros,
Quando o tempo estiver vazio.
Talvez possa bater uma pelada,
Quando o domingo estiver sombrio.
Talvez inventar na cozinha
Uma diferente iguaria.
Talvez sair pra pescar
Uma ilusão que partiu.
Talvez segurar a noite
Uma boa companhia.
Talvez escrever alguns contos
Com a cabeça a mais de mil.

Talvez dar boas gargalhadas
Com a situação em que viveria
Talvez boas cochiladas
Com a programação que a TV mostraria
Talvez, Talvez, Talvez...
A felicidade encontraria.

FATOS EM DITONGO CRESCENTE

Diante dos fatos

Evidências

E **circunstâncias**

Das contraturas

Rupturas

E loucuras

Das **violências**

Eminências

E **excelências**

Das corrupções

Extorsões

E contravenções

Das propinagens

Rapinagens

E lavagens

Da omissão

Exclusão

E confusão

Da **traficância**

Infringência

E **ignorância**

Do fisiologismo

Banditismo

E consumismo

Das injustiças

Imundícies

E canalhices

Da insensatez

Mesquinhez
E pequenez
Da covardia
Anarquia
E barriga vazia
Da favelização
Prostituição
E sonegação
Dos egoístas
Insensíveis
E avarentos
Surgem os desiguais
Excluídos
E desvalidos



FEIRA DE SANTANA

Rememorando umas verdades,
Estava numa cumeeira,
Apreciando aquela feira,
Nas quebradas do sertão.
Me bateu uma saudade,
Do tempo de menino,
Ao ver aquele reboiço
Com toda agitação,

Nas noites de sextas-feiras
Eram servidas nas tordas
Todas aquelas iguarias:
Galinha com feijão de corda,
Bode com macaxeira,
Sob a luz dos candeiros
Pelas diversas Marias.

"Das tordas de mangaio"
Passando pelas das frutas,
E do mercado da carne,
Dali era uma "ataio"
Pras boas casas das putas.

Avistei a sombra do Pé de figo.
Em frente a casa de Dr. Clodolfo,



Zé Carvalho no abrigo.
Comendo mel de engenho,
Num prato de ágata fuleiro.
E no meio daquele alvoroço,
Ao redor obelisco Pedro I.

Apresentar eu venho,
As bancas de calçados
A feira de feijão e da farinha
De milho e da rapadura
Arrumados em esquadros.
Que tinha como moldura
Aqueles sacos em linha

No mercado da carne
Era um vozerio só,
Carne de bode, de carneiro,
De porco, de boi e do sol.
Galinha, galo e torreiro,
Pato, Peru, Marreco e Perdiz,
Coleira, papa-capim e concriz.
Verduras das mais variadas,
Bucho, tripa e mocotó,
Gaiola, rolinha salgada,
Arribaça, preá e mocó.

Em frente à casa de Seu Fredirico,

Que foi prefeito da cidade,
Avistei uma feira rica
De animais e variedades.
Porcos, bodes e carneiros.
E uma dupla de violeiros
Na esquina da rua do Barulho.
Se apresentava com muito orgulho.

No quadro da Intendência,
Na entrada da Matança
Estava aquela festança
Na feira dos grandes animais.
A poeira estava demais.
Quando avistei Dona Vicência
Tentando receber um dinheiro
De um trocador de burro Xexeiro.

Avistei o Panema bufando.
As canoas do Mestre Toinho
E de Antonio Constantino
Como que galopando
Para vencer a correnteza.
Zé Domingos e Djalma Pé Cortado
Conduzindo-as com grande destreza.

O balé dos carneiros montados
Pelos domadores dançarinos.

A plataforma da balaustrada,
No estreito da Ponte do Padre,
Palco dos saltos ornamentais.
Completavam no meio da tarde
O espetáculo encenado pelos meninos.



FESTA À SOMBRA DO UMBUZEIRO

Hoje à noite em Santana
Vai virar um “rebuliço”
Será muito bacana
Falará até do filho de Corisco.
E num Momento Cultural.
Haverá uma peça teatral.

Goretti exporá quadros de sua autoria,
Contos, livros e poesias
Com muita propriedade,
Maestria e genialidade.
Discorrerá sobre o conto Agosto,
E a plateia ficará com lágrimas no rosto

O cancionista chefe, o Transgênico
Com o sorriso de menino
E o talento de um gênio
Cantará o que tem de mais fino,
Entre lágrimas e flores
Santana dos Meus Amores.

Marcello André cairá no estrelato
Vejo com muita clareza
Pelo desenrolar dos fatos
Quando declamar o Poema,

Falando sobre as correntezas
Do Rio Ipanema.

E veja como é o destino
Quem também estará por lá,
É nosso amigo Capiá,
Que com propriedade e tino,
Irá nos apresentar,
As Alpargatas de Seu Firmino.

João Neto de Liou,
Depois de muita insistência,
Apresentou com louvor
E com muita paciência
No momento cultural,
“Quatro Mortes e Nenhum Funeral”.

“Depende de Mim”
Falou Tamanquinho
Do começo ao fim
Mostrando o caminho,
A vida é assim,
Não precisa ser adivinho!

E como ninguém é perfeito
No conto “O Defeito”
Neném Malta relata com ovação

Como um noivo entrou numa fria,
Quando João Farias
Concluiu a oração.

Zé Arnaldo não acreditou
Quando Mário Jorge quebrou
Assim de supetão
O coitado do Violão.
Foi o maior fuzuê
Na história contada por Pinguelê.

E para falar a verdade
O Cão do Segundo Livro
Sairá do seu abrigo
Da maravilhosa cidade,
E vem defender seu artigo
“Espelhos das Vaidades”

E como num passe de mágica,
Numa transmissão bem sucedida
O Comendador Malta captou
“Na Parabólica da Vida”
“Calabar: Herói ou Traidor,”
Um texto de vulto,
Escrito por Manoel Augusto.

Selma relatou o drama do menino

Na porta da loja JT De Aquino,
Numa tarde de um dia qualquer.
Fábio Campos nem sequer,
Notou que era sua mochila de pão
A causa da “CONFUSÃO”

Professor Mozart
Também escreveu lá.
Para que os mortais como nós
Soubéssemos o que há na foz,
Onde desemboca “Nossas Águas”
Além do canto dos Biguás.

Nosso amigo ZENETO de Darras
Contou que depois de uma farra,
Mindinho disse; “comigo ninguém implica.”
Pegou um ônibus para Marechal Deodoro
E chegou a Major Isidoro.
Coisas que só a “Marvada” explica.

Luiz Euclides dos Santos,
Descreveu com encanto
“O Lugar mais Seguro da Cidade,
Que para felicidade,
Do tal Manoel Lagartixa,
Servia de refúgio para escapar das lixas.
Em “A Jaca é dura Paulo Fernando?”

Sérgio Campos relatou
Como se entra numa fria
Um amigo deu uma de malandro,
E alguém o delatou
Ao dono da mercadoria.

E o “Anjo Impiedoso”
Foi desgarrado do “Tempo”
No momento doloroso,
Fustigado pelo vento,
Bateu em Maceió de mau humor
E Lúcia Azevedo o transformou.

E a “História da Vida”
Do nosso livro do Mural,
Começa com grande astral,
Quando Maria Cilene dá partida,
Nessa corrida literária
De forma voluntária.

E de uma família ordeira,
O primo de Joninhas, Djalma Oliveira,
Filho de Dona Margarida,
Escreveu “As Três Fazendas da Minha Vida”.
Com muita alma e emoção
Num momento de inspiração.

E o filho de Seu Zeca, Edgar Farias,
Há muito já dizia,
Em “Pobres Meninos Ricos”
Que apesar dos micos,
Eram felizes como viviam,
Mas ninguém sabia.

Em “O Barato Sai Caro”
Júlio César deixa bem claro,
Quando não se segue a cartilha,
Diante do ocorrido no baile da Maravilha,
Quando Gervásio fez o que não devia,
E acabou entrando numa fria.

“Na Corrente de Ernande”
Cláudio Campos relata o que o Professor diz:
“Você compra alguns livros
E lê prá mais de mil.
Vai passando adiante,
E todo mundo fica feliz.”

E foi para relatar um ato falho,
Que Aderval Carvalho
Escreveu a trilogia:
“Trabalho, Cachaça e Caju”.
Ademir e Germano fazendo estripulia
E ficaram bêbados que só um Timbu.

Em resposta a Remi,
O outro Carvalho, Ademir,
Escreveu que no Capitólio Drinks,
Alguém arranjou uma “Noiva” nos trinks
Só que era um travesti
E chamava Pitu de Piti.

“Escola de Música” seria um grande atalho,
Para surgimento, segundo Djalma Carvalho,
De outros Miguel Bulhões e Joel Tavares.
Talvez, se tivéssemos continuado,
Quem sabe?! Teríamos milhares
De outros Maestros Ricardo.

“Lata D'Água e o Meu Fusca”
Foi uma decisão brusca.
Para adquirir o primeiro carro,
Além de pagar caro,
Numa caçamba bateu,
Vejam onde Gilson Bode se meteu.

“Aí o Zé Arriou as Calças”
Isso é coisa que se faça.
Num picadeiro de circo,
Zé Carvalho pagando mico,
Diante da multidão.
Foi o que relatou João Neto Bofão.

Com “Merda na Sobrancelha”
Porque não seguia conselho,
À noite depois da aula
Começa a perdição,
Enfiava-se no baralho.
Contou-nos Zé Carvalho,
Sobre João Neto Bofão.

HOJE ESTOU TRISTE

Hoje estou muito triste.
Hoje estou cabisbaixo.
Por que isso existe?
Por que o desenlace?
Pergunta o amigo,
Pergunta o cunhado
E o povo do Prado.
Pergunta a mãe.
O sogro, primos e irmão
Pergunta o marido,
Num tom gemido.
Pergunta o sobrinho.
Colegas, parentes e vizinhos.
Pergunta o filho,
Com os olhos tristes e sem brilho.
Pergunta a nora.
Que muito chora.
Pergunta o tio,
Com a voz por fio
Como pode acontecer?
De uma hora pra outra
Uma pessoa desaparecer.
A menina do sorriso fácil,
Do semblante brilhante,
Do carinho transbordante
O grilo falante,
Da vida difícil,
Da luta aguerrida,

Das conquistas atingidas.
Partir sem deixar explicação.
E partiu para o além.
Muito aquém da imaginação.
Deixando-nos no vazio também.
E por último,
Pergunta a neta,
No mesmo ritmo
A todos alerta
Por sua inocência.
Oh! Vó Poli,
Já que você virou estrela,
Vê se acolhe,
Com carinho, os apelos.
De saudade e amores,
Desses perguntadores.

Um beijo de seu irmão,
Neto.

JOÃO TNA – O ROMEIRO

João TNA na sua sabedoria
Convocou a freguesia
Da Rua Zé Quirino,
Desde o tempo de menino
Ouvindo em casa o sermão
Pregado pelo seu pai
Na mais perfeita união,
E para não perder de vista
Tudo aquilo que aprendeu
De nada ou tudo se desfez,
Embora sendo um rapaz
Com jeitão de português
Discípulo do Bolchevista,
O João pelo que sei,
É um romeiro assumido
Do Padre Romão Batista

João Tertuliano,
Além de bom romeiro,
Afilhado de Padim Ciço.
Sai a pé de Santana,
Não falha, sequer, um ano,
Com destino ao Juazeiro.
Não tem trovoadas, seca ou corisco,
Que impeçam sua devoção.

Hoje depois de 50 viagens
E de muita oração
Há quem diga que ele vê visagem
Da Santa Beata Mocinha,
Que também é sua madrinha.

Um grande abraço, João TNA.

Poesias Limeirianas. Relíquias do Mural do
Maltanet.

JOSÉ IALDO LARANJEIRA

Menino da Rua da Fundição
Que pertencia a Pinduca.
Como uma ave de arribação,
Devido a seca maluca
Que assolava o sertão,
Alçou um voo rasteiro
Do seu querido torrão.

Assim como Zé Ialdo,
Os filhos da diáspora
Também alçaram voos
Por esse Brasil afora.
Na perseguição de sonhos
Longe do seu torrão amado.



MAR DO MEU LUGAR

Esse mar escuro
Esse céu estrelado
Esse vento quase parado
Essa penumbra de murmúrio
Que logo acabará

Esse mar abrilhantado
Essa onda barulhenta
Esse vento meio agitado
Esse sol despertando
Que logo dominará

Esse mar esverdeado
Essa espuma borbulhante
Esse vento meio parado
Esse sol escaldante
Que logo arderá

Esse mar azulado
Esse sol declinante
Esses coqueiros vergados
Esse vento incessante
Que logo abrandará

Esse mar avermelhado
Esse vento dominante
Esse sol no horizonte
Esses raios cansados
Que logo dormirá

Esse mar de todas as cores
Esses ventos variados
Essa lua de diversos amores
Esses raios prateados
Que logo reinará

MARINHEIRO ROBERVAL NOIA

Depois é só saudade.
O caboclo não ouve mais.
Mudou-se para outro plano.
Virou uma divindade.
Aí não adianta correr atrás
E dizer eu te amo.

Façam como o marinheiro,
Que nos deu grande satisfação
E não gastou nem um dinheiro.
Puxando do fundo do coração.
Um sentimento espontâneo,
Carregado de emoção.
E disparou de uma vez.
Por essas e outras
Admiro esse conterrâneo.
Quando diz: amo vocês..

Um grande abraço a todos e eu também amo vocês.



MÁRIO BELEZA

E de repente a tristeza,
Morre Mário Beleza!!!
Com toda nobreza,
Do sorriso à grandeza,
Próprio da sua natureza.
No trato com a pobreza
ou com a realeza.
Com um imenso coração,
Atendia sem distinção,
Do filho de Seu Alberto, João.
A Nadinho, filho de Regina Cambão.
Essa era a bandeira do seu dia a dia:
Simplicidade, lealdade e simpatia.
Amigo Leal, todos no Banco do Brasil sabiam.
Foste um anjo de bondade!
Vais deixar muita saudade
no povo da nossa cidade.



MENINO DA ALDEIA

O menino da Av. Martins Vieira,
Vizinho à casa de D. Eulina.
Como sua fiel companheira.
Um casal gente fina,
Partiu em direção ao infinito,
Numa viagem ao desconhecido.
Deixando todos nós aflitos,
E muito entristecidos.

O menino filho de rico,
Mas parecia filho de pobre.
E, sem deixar de ser nobre,
Sempre desceu do Pico
Para fraternalmente abraçar,
Em uma grande confraternização,
Sem ninguém discriminar,
Seus amigos, colegas e irmãos.

O menino grande folião.
Que tinha no bloco Brasilgás,
Uma grande paixão,
Este ano não vai sair mais.

O menino apaixonado por sua aldeia,
Como profissional de boa formação

Não quis se estabelecer em terra alheia,
Preferiu a singeleza do seu torrão.

O DOMADOR DE CARNEIRO

E você com essa venta descascada.
Parecendo batata assada,
Na fogueira de São João.
E sempre pronto prá enfrentar,
Com destreza,
No Panema, ás correntezas
Do Poço do Juá.
E olha que lá,
Não era negócio de menino.
Mas, você era fino.
E por cima de pedras e ribanceiras,
Montava nos carneiros,
E vinha de Panema abaixo,
Até encontrar o riacho,
Onde havia um remanso
E os carneiros não pulavam mais,
Estavam em paz.
Todos mansos !!!
Porque você o domou.
Ontem você viajou
Para uma região desconhecida
Mas, antes que descida
Se, também, por lá vai domar,
Espero que reserve pra mim
Uma vaguinha naquela câmara de ar.
Para, quem sabe . . . , surfarmos os ventos.
Como fazíamos no Panema naqueles tempos.



MENINO TRAVESSO

Menino travesso, que na infância, bem vivida,
Nas tardes de domingo, de quatro cantos,
Na praça da matriz, brincava até se esbaldar.
E ao cair a noite, num escuro que dava dó
Já estava preparado, para enfrentar as batalhas,
Em busca do ouro, na praça de Sebastião Jiló.
Menino travesso, que internado foi por seus pais para
estudar.

E pelas estripulias praticadas na ocasião
Também recebeu o apelido de Nego Cão.
Menino travesso que, nas tardes de domingo,
Com a bola nos pés, empolgava feito banda,
A torcida do Ipiranga.
Menino travesso, assim como seu avô,
Se entregava, transvestia e alegrava o carnaval
Da sua cidade natal.

Menino travesso, que foi para o Recife,
Onde educação física terminou
E na Conde da Boa Vista,
Grandes palhaçadas aprontou.
Menino travesso, que a educação física
No Estadual Deraldo Campos ajudou a consolidar
E várias gerações de jovens ajudou a formar.
Menino travesso, que pela sua doçura,
Vai deixar muito saudade das suas travessuras.

MORENA

Morena bela e faceira,
Qual musa de verão.
O tempo não corroeu
Suas formas esculturais,
Não conseguiu aumentar
O seu sorriso tímido.
Nem apagar da sua memória
As brincadeiras de roda
De roubar bandeira
De esconde-esconde e pega ladrão,
Que aconteciam na infância
No engenho Mazagão.
E na juventude a toda prova,
O ti ti ti, a algazarra,
Pernas pro ar,
Parentes, amigos se encontravam.
Aquele farra.
Todos os anos,
Aqueles anjos,
Rosto bonito, peitos pequenos.
Carnaval no Branco.
Na casa dos Morenos.
Corso na lagoa,
Lá em João Pessoa.
E o tempo não para.
Desfile em setembro,
Padroeira em dezembro.
Tarefas do dia a dia.

Amizades consolidadas.
Namoros, beijos, amassos.
Pernas grossas de subir ladeira.
Final de ano.
Muito apreensão e anseio,
No colégio de Areia.
E vem faculdade.
E mais um evento
Casamento
Muda de lugar
Barriga cresce
E nascimento
De três rebentos
Quadris se alargam
Pela evolução
Fato ocorrido na São Simeão
Muda pra lá e muda pra cá
Crianças estudando
Confusão rolando
Fim de semana lá na Capela
A vida é bela, mas tem que ralar.
Apartamento no Hernan Cortês
Amante aparece uma vez por mês
De vento em popa,
Pega avião,
Para acompanhar o marido,
Num desafio.
Mais adaptação.
E fosse valente,
Quando em Prudente

Resolvesse estudar.
Alguns se formando,
Outros chegando
E vem rompimento,
Depressão
E reconciliação.
Não dá pra descansar.
Surge um Neto
É só Alegria
E vem fantasia para apimentar.
Se entrega inteira,
Morena faceira
Ao ato de amar.

MUSA DA EAN

Sylvie Vartan,
Esse foi o nome escolhido
Por um admirador antigo
Para alimentar sua paixão.
Baseou-se na real semelhança
Para fortalecer suas esperanças
Entre a famosa cantora francesa,
De estonteante beleza
Que foi retratada como espiã,
E você MUSA da EAN.

Esse personagem de ficção,
No qual você se transformou,
Demolia qualquer coração.
Com seu corpo esguio, lábios finos
Cabelo loiro, solto, esvoaçante.
De andar maneiro e provocante.
Carregando um rosto esculpido
Como um lindo diamante.
Uma legião de fãs arregimentou
Naquela instituição de ensino.

Vartan71,
Estamos lhe redigindo esse e-mail
Porque esse pensamento nos veio
Quando soubemos que você viajou
Para a Galáxia das Sereias.
E nem ao menos nos telefonou.

Saiba que estamos muito tristes,
Porém, sabemos que você existe
Na lembrança de cada Um
Dos seus admiradores de Areia.

Um grande abraço e um beijão.
De todos seus amigos inclusive o Jegão.

Porto Calvo – AL, 22 de outubro de 2013.

Obs: O e-mail de Ivana Almeida era:
Vartan71@hotmail.com.

Explica-se: em 1971, Luiz Antonio Aguiar, vulgo Caixão, colocou esse apelido carinhoso de Sylvie Vartan, linda cantora francesa, nascida na Hungria, em Ivana de Dr. Thales e D. Astinha. O melhor disso tudo é que a mesma levou na brincadeira. Tanto que incorporou no seu e-mail o nome do personagem surgido para ela em 1971 na Escola de Agronomia de Nordeste em Areia – Paraíba.

NA CABEÇA DESSES MALOQUEIROS

Na minha querida Santana,
Talvez pela localização.
Com seu clima de savana.
Aguça a imaginação
Dos seus habitantes.
Que mesmo ordeiros,
E muitos distantes.
Têm cabeça de maloqueiros.

Foi postado no Portal.
Ainda outro dia.
Na seção do Mural.
Uma bela fotografia.
Que despertou a atenção
Pelo tamanho do pai de chiqueiro.
Mas vejam como é a criação.
Na cabeça dos maloqueiros.

Para uns aquele bichinho,
Com barba apontada.
Poderia ser Zé Bodinho,
Com sua venta descascada.
Mas se ele se sacode.
Há tripla interpretação.
Pode ser Gilson Bode.

Ou o professor Bodão.
Disseram que era Capiá,
Da loja de Seu Marinheiro.
Não dá para acreditar,
Na cabeça desses maloqueiros.

O DESGASTE NATURAL ME CONSOME

E o desgaste natural me consome
O tempo passa e com ele a vida
Quando menos se espera some
Deixa-se tudo...Vai embora sozinho
Não se sabe para onde,
Nem por qual caminho.

Ficará a saudade ou alívio
Daqueles que comigo conviveram
Alívio para os que me achavam vil
Saudades para os que me amaram.
Sentimentos que também passará.
O tempo se encarrega de apagar.

Quanto ao meu corpo inerte
Este terá um bom proveito
Irá servir de banquete
Às diferentes formas de vidas
Que trabalham às escondidas

Os operários das escuras ruínas
Terão um grande trabalho
Para liberar as putrefinas e cadaverinas
Produtos da decomposição
Que sairão das minhas entranhas.

E outros mais surgirão
De formas e composições diversas

Butano, propano, etileno e metano à beça
Completando o processo da putrefação

Os operários da escuridão, com grande destreza,
Completarão o ciclo da natureza
Obtendo outros componentes
Que são os macros e micros nutrientes
Além de muito outros
Frutos da decomposição do meu corpo

O PROCESSO

Não adianta ajeitar!
Encare como se apresenta.
E se não aguenta
Ver sua face,
Se não foi desastre,
Não adianta disfarce.
Enfrente a realidade.
Assuma!
Diante das rugas,
Procurar fugas
Em cirurgias,
Aplicações,
Com aflição!!
Para rejuvenescer.
É querer nascer novamente,
Tal rabo de lagartixa
Saiba que por mais que espiche,
Não vai ficar como original.
É fatal!
O tempo corre,
E com ele se morre,
Aos pouco a cada dia.
E não adianta, nem adia,
O processo é natural!!!
Mais cedo ou mais tarde,
Vamos participar
Do nosso funeral



OS OLHOS SÃO AS JANELAS DA ALMA

Que os olhos são as janelas da alma
Que o sorriso é a expressão do coração.
Que seu sorriso emana muita alegria.
Que seus olhos falam por si só
Que seu sorriso diz da sua euforia
Que seus olhos brilham como a luz

Quando seus olhos estão sem brilho
Quando seu sorriso está apertado
Quando seus olhos não conseguem falar
Quando seu sorriso é um risco
Quando seus olhos ficam a vagar
Quando seu sorriso não quer divulgar.

Sua alma está aflita
Seu coração está vazio
Sua alma em conflito
Seu coração magoado
Sua a alma em agonia
Seu coração sem alegria,

Precisa a alma de reação
Precisa o coração se encher
Precisa a alma se descomplicar
Precisa o coração se imacular

Precisa a alma se acalmar
Precisa o coração transbordar.

Seus olhos logo voltarão a brilhar
Seu sorriso logo voltará a encantar
Seus olhos logo verei a paz
Seu sorriso logo verei emoção
Em seus olhos, verei o brilho da sua alma
E no seu sorriso, a felicidade do seu coração.

PERIPÉRCIAS DA VIDA

Quando o tempo senhor da razão,
Com sua verdade implacável,
Bate na vida das pessoas,
Eis que surge o drama!
Cada um a sua maneira,
De acordo com a consciência
Levanta ou baixa a poeira.

A vida nos prega peças
Que não sabemos os porquês.
O porquê das coisas simples.
O porquê dos momentos felizes.
O porquê da rotina gostosa.
O porquê do amor.
Enfim, o porquê que só sentimos quando passou.

Fique atento aos porquês de agora em diante
Sinta a beleza de o Sol nascer,
O canto do passarinho,
A conversa jogada fora na mesa do botequim,
O papo gostoso com os amigos,
O quebrar das ondas no cair da tarde,
A lua cheia saindo do banho.

O gemido de prazer da mulher amada,

Uma caminhada com corrida ao final da tarde,
Uma história de doido que foi inventada,
Uma carne de sol com cuscuz bem temperado,
Um peixe bem amuquecado,
Uma mulher com os peitos avantajados,
Acabar com os nossos preconceitos.

E tentar ser feliz de qualquer jeito.
Os seus porquês podem não ser esses.
Então procure logo, descubra-os e sinto-os,
Porque o tempo tem pressa e não ficará esperando
Pela boa vontade de você
Para descobrir os seus porquês

PITIMBU

Pitimbu, espero vê-lo todo ano.
Paisagem bela, deslumbrante,
Vista de cima do altiplano
Seus coqueiros batidos pelo vento
Parece lhe cobrir com um manto,
Como que para esconder os encantos
Do balé das ondas,
Da beleza das areias,
Dos seios das suas sereias,
Da modéstia dos seus habitantes,
Da alegria dos seus visitantes,
Da harmonia do lugar,
Da festa da padroeira,
Das tapioqueiras e peixeiros.
Do desfile de loiras, mulatas e morenas no
veraneio,
Do menino abrindo a boca num berreiro.
Da folia de fevereiro,
Do entusiasmo da moçada,
Da moça que vende cocada,
Dos avós brincando com netos,
Que ninguém fica quieto,
Da prece à Iansã,
Da caminhada molhando os pés pela manhã,
Da caipirinha, peixe frito, caranguejo e cerveja

gelada.

Da soneca gostosa na rede de varanda.

Do pif paf na casa dos amigos

Das piadas, gozação e confraternização.

Do jogo de vôlei à tardinha,

Da conversa jogada fora à noitinha.

Das garrafas de vinhos degustados,

Dos whiskys bebericados,

Dos tira gostos saboreados,

Das rodas de violão,

Dos casais enamorados apreciando a lua cheia,

Do gemido de prazer da mulher amada,

Do vento soprando sem parar,

E do sono profundo ouvindo a doce sinfonia do
mar.

PRESENTE DE NATAL

Alguém me perguntou
Que presente eu gostaria
De receber neste Natal.
Eu de pronto respondi
Que não sou ligado nessa tradição.
No sertão onde nasci,
Desde cedo descobri,
Que Papai Noel tinha outro nome.
Chamava-se Albertino
E só ganhava presente
O menino que o pai,
Na “Casa O Ferrageiro”,
Comprava antecipadamente
Pra ele entregar.
Daí a triste conclusão,
Que Papai Noel só dava presente
Ao filho que o pai tivesse condições de comprar.
Mas, como você insiste,
Vai aí uma lista
Pra você escolher.
Mas, vou logo lhe dizendo,
Vê se me manda tudo
Que estamos resolvidos.
Um bom livro faz meu gênero,
Uma traia de pesca não deixa por menos.
Um quarto de bode assado,
Um bom jumento selado,
Um galo Carijó cantando no terreiro.

Uma passarada solta a cantar,
Uma feira de mangaio,
Um bom filme na semana,
Uma lavoura bem cuidada
Um negócio organizado,
Uma criança saudável,
Uma mulher apaixonada,
Uma sociedade mais justa,
Um nascer do Sol nos oceanos,
Uma brisa marinha,
Uma lua bem cheia,
Uma noite estrelada,
Uma saúde farta,
E uma cabeça a mais de mil.
Tudo isso, se você pudesse me dar,
De bom grado aceitaria.

PRINCESA DO DESERTO

Princesa do deserto,
Vendo-lhe nesse lugar incerto,
Talvez ninguém possa avaliar
A pureza do seu sorriso,
Essa cor de pele alucinante,
Fascinante.
E seus atributos carnais
São fatos reais.
Pelas formas perfeitas
Que se apresentam.
E me fomenta
Pensamentos outros,
Diante dessa escultura,
Que formosura,
Esse seu gingado,
Que quando embalado,
Arranca suspiros.
Eu me refiro
Num recanto a dois,
Na calada do tempo,
Quem sabe, talvez,
Princesinha
Um dia, nem que seja uma vez,
Você possa ser minha.

RECOMEÇO

Levante-se! Bata a poeira.
Poeira da sua solidão.
Você não está só nessa multidão!
A vida é bela e você não precisa ficar
Se consumindo com várias suposições,
Remoendo o passado.
Levante-se! Bata essa poeira
Olhe de lado, e veja,
Ainda há pessoas que sofrem
Com sua introspecção.
Por que você está assim?
Levante-se! Bata a poeira!
Erga a cabeça!
Sinta o calor emanado do sol,
Tire os sapatos, fique descalço,
Sinta as vibrações da terra.
Ande. Respire fundo. Ande até cansar.
Agora, sinta o pulsar do seu coração.
E reflita, foi apenas um tropeço.
Sem grandes consequências.
É passado. Já passou!
Sinta que a vida é bela,
Sempre vale a pena recomeçar.

TERAPEUTA NAVEGANTE

Tais quais as Caravelas,
Que conduzindo os Navegantes,
Descobriram continentes,
Embaladas pelos ventos,
Que mudam a todo momento.
Vencendo todas as mazelas,
Se guiando pelas estrelas
E tendo apenas um Sextante,
Como instrumento de navegação,
Você aportou no meu coração.
Chegou por rotas ardilosas
E traçados sigilosos,
Para apimentar ainda mais a relação.
Impulsionada por vibrações ardentes
E sentimentos profundos.
Vencendo as asperezas,
Próprias dos submundos,
Tendo apenas a delicadeza,
Como instrumento vibrante,
Que aplicado ao dia a dia
É uma verdadeira terapia,
Nos habitantes desse pedaço de porto,
Proporcionando rejuvenescimento.
De alguns sentimentos,
Que pareciam quase mortos.



UMA HISTÓRIA DE TRANCOSO

Ainda sobre o Comendador,
Nessa época dos Carneiros,
Criava uma Fogo-pagou.
Me lembro como agora.
Era um Galeguinho Sarará
Da venta descascada.
Andava com ameninada
Fazendo estripulia.
Preocupando a família,
Tomava banho de barreiro
No cercado de Mané de Flora,
Onde caçava preá.
Matava muito passarinho,
Dava bofada em calango,
Foi repreendido por um Samango
Porque botou busca-pé num gato.
Deu pedrada em vira-lata
E também mexia em ninho.
Depois quebrou o para-brisa
Do caminhão de Luiz Parral.
Passou dois dias no mato
Com medo de levar uma pisa.
Foi preciso um mutirão
Pra encontrar o danado.
Era o raio da silibrina.

Quem hoje vê o cidadão
Comportado e comprometido,
Não sabe da missa um terço.
Quem foi aquele menino
Que na casa de Marinete
Ateou fogo num cesto
Quase incendiava tudo.
Deu uma pedrada num surdo-mudo
Que ia passando por perto.
Esse era José Malta Fontes Neto
O fundador da Maltanet.

TODO RESTO VALE A PENA.

Um dia tudo muda.
Toda beleza se vai.
E a memória falseia.
Por mais que se cuide,
Quase tudo cai.
Já não é mais um rapaz!
A beleza da juventude,
Com toda sua virtude,
Não lhe pertence mais.
Aquilo ficou para trás.

O que vemos é uma nova cena.
Aqueles das grandes conquistas.
Alinhemos nossas antenas
Para revermos essa revista.
Afim, toda resto vale a pena
Quando vemos pessoas verdadeiras
Conquistadas com muito amor.
No capítulo derradeiro
São joias de grande valor
Que foram reunidas a vida inteira.

VAMOS À LUTA

Nesta noite fria
Madrugada vazia
O tempo passa
Até o amanhecer
E quando alvorece
O sol aquece
A passarada canta
Buzina se agiganta
Vamos! Levanta!
Começa o dia a dia.
Com toda ocorrência
Da luta pela sobrevivência.
Com todas as forças
Nessa batalha
Muitos se olham
Falam, agem,
Não falam!
Calam!
É o retrato,
Nem sempre grato,
Da luta, da labuta.
Estamos aí!
Para o que der
Ou vier.
Quando dá pra escolher.
Com saúde e dignidade,
Na roça ou na cidade,
Já está de bom tamanho.

E chega a noite,
Que está quente.
Madrugada diferente
Acorda! Vamos à luta, Gente! ?!
Fernando Soares
Grita pra Terra e os 7 mares.

VAMOS MENINADA

Vamos meninada. Vamos ?!
Vamos brincar?! O Ano Novo chegou!
Vamos brincar de tomar posse primeiro.
Vamos em disparada??
Aquele que chegar por derradeiro
É a mulher do fogueteiro.
Agora que essa parte terminou.
Vamos brincar de seriedade?!
Que brincadeira é essa???
É fácil à beça!!!
Basta brincar de resolver as mazelas,
De resolver as injustiças,
De humanizar as cidades,
De sanear as favelas,
De valorizar as polícias.
E é só isso???
Não é tudo, mas traz emoção!!!
Brincar de acabar com o flagelo da seca,
De reestruturar a educação,
De incentivar a pesquisa,
De melhorar a saúde,
Para não ter dor de cabeça,
E antes que o vento mude,
Vamos correr a favor da brisa?? .
Acabou???

É fácil, não é?!!

Vamos aproveitar. O Ano Novo chegou.

E agora quem quiser.

Vamos brincar de seriedade,

Pelos campos e cidades,

Aquele que chegar por derradeiro

É a mulher do fogueteiro.

VICTOR HUGO (Limeriano)

Não me esqueço de Victor Hugo,
Devorando uma espiga de milho,
Só deixando o sabugo,
Na espera dum preá.

Pra ele não havia refugo,
Com o dedo no gatilho,
Não escapava nem carcará.

Era um verdadeiro verdugo,
Não tinha pena nem do filho,
Quanto mais de um Anumará.

Recebeu excomunhão,
De padrinho Frei Damião,
Por essas estripulias.

Foi embora pra Bahia,
Onde se juntou com uma quenga,
E de arenga em arenga,
Tiveram sete crianças.

Antes de partir para França.
Onde escreveu Os Miseráveis
Fez uma parceria com Chico Alves,
Num cabaré na Baixa do Sapateiro.

Foi um excelente violeiro,
Trabalhou com garçom,
Na vila de Besançon,
Juntamente com Marie Tudor.

De quem sofreu por amor.
Mas, só foi feliz
Com Notre Dome de Paris.
A dona do Cabaré.

Só vendo a beleza de mulher
Que durou até aparecer outro homem.
Chamado Marion Delome.
Tocador de pandeiro.

Esse amor não foi derradeiro.
No Chanson dès rues et dès bois
Onde foi morar depois.
Juntou-se com Lucrecia Borgia.

Com quem fez muita orgia
No seu novo ninho
Perto do largo do Pelourinho.
Até chegar a Melancolia.
Assim morreu Victor Hugo,
Magro que nem um sabugo,
Nas gandaias da Bahia.

VOCÊ

Você brilha mais que o sol
Que a lua
Que as estrelas
Que o quasar
E tudo mais que possa emanar.

Você é única.
É primordial
É fenomenal
Etc e tal
Você na minha concepção... Não sei por quê?
É a maior.

Você é feia,
Chata,
Abusada
Etc e tal,
Mas mesmo assim... É vital.

Você é enjoada,
Cabeluda,
Desconchavada
Etc e tal,
Mas mesmo assim... É normal

Você é contraste,
Clareza,
Contradição
Etc e tal,
Mas mesmo assim, amorzão, Você é meu tesão.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

- Imagem 01 p.16 – Sabiá – (Autor: desconhecido) – Acervo: Reprodução Google
- Imagem 02 p.18 – Rua Nova (Autor: desconhecido) acervo: Facebook
- Imagem 03 p.22 – Poço do Juá (Autor: desconhecido) acervo: Luiz Antônio de Farias – capíá.
- Imagem 04 p.28 – Riacho do Bode (Autor: José Malta Fontes Neto) Acervo: Maltanet
- Imagem 05 p.30 – Revitalização da Praça São Pedro (Autor: desconhecido) Acervo: Darras Noya/João Neto Félix Mendes
- Imagem 06 p.34 – Ponte da Barragem (Autor: desconhecido) Acervo: Darras Noya/João Neto Félix Mendes
- Imagem 07 p.36 – Remi Bastos e João do Mato (Autor: desconhecido) Acervo: Remi Bastos
- Imagem 08 - Turma de Agronomia - UFPB 1973 (Acervo do Autor)
- Imagem 09 p.46 – Feira de Santana do Ipanema (Autor Desconhecido) Acervo: Maurício Oliveira
- Imagem 10 p.48 – Poço do Juá e os inúmeros carros de boi – (Autor desconhecido) Acervo: Maurício Oliveira
- Imagem 11 p.52 – Escritores da Festa de Lançamento do livro À Sombra do Umbuzeiro em 25 de julho de 2007 no Tênis Club Santanense (Foto: Levi Malta Fontes) Acervo: Maltanet
- Imagem 12 – p. 66 – João do Mato em João Pessoa – Março de 2011 (Foto: José Malta Fontes Neto) Acervo: Maltanet.

- Imagem 13 p.70 – Mário Beleza e Magnólia, colega de banco e sobrinha da professora Penina
- Imagem 14 p.72 - Floriano Salgueiro Silva no Reencontro de 2007 (Acervo Maltanet)
- Imagem 15 p. 76 – Professor Reginaldo Falcão nos carnavais de Santana do Ipanema. Bloco A véia debaixo da Cama (Foto: autor desconhecido) Acervo da família.
- Imagem 16 p.88 – Vovô Chagas, como o autor chamava o saudoso Zé Chagas (Acervo Maltanet)
- Imagem 17 p.100 – Comendador José Malta Neto quando criança na cidade de Carneiros (Foto: Autor desconhecido) Acervo da família.

Para saber mais sobre nossos títulos e autores, e enviar
seus comentários sobre este livro, visite nosso site



<https://www.swainstituto.com.br>

ou mande um e-mail para: contato@swainstituto.com.br

Formato: 140 x 210 mm

Composição: fontes: Time News Roman e Cooper Black



João Francisco das Chagas Neto (João do Mato), engenheiro agrônomo, santanense fervoroso, atualmente reside em Maceió. Foi superintendente da Usina Santa Olinda, do Grupo José Pessoa, no Distrito de Quebra Coco, localizado no município de Sidrolândia – MS. O “Destrambelhado do Mural”, denominado assim por alguns, ou “João Bestão” por outros, tem uma verdadeira paixão pelos encontros que

são realizados no Mural de Recados do Portal Maltanet, espaço também conhecido como Praça Virtual do Monumento, além de não deixar passar em branco nenhum dos assuntos ali postados, fazendo sempre intervenções, apresentando sugestões e recebendo os novos Muralistas. Foi exatamente desses encontros, conversas e publicações das obras “À Sombra do Umbuzeiro”, “À Sombra do Juazeiro” e “À Sombra da Quixabeira” que surgiu o material necessário para o livro “DO MATO AO PANEMA”.



João do Mato recebendo os livros À SOMBRA DO UMBUZEIRO em seu posto de combustíveis em Presidente Prudente, em 2005, de onde mandou para Santana do Ipanema

ISBN 978-85-65024-16-7



9 788565 024167